

GOIÂNIA: PAISAGEM URBANA E A PRETENSÃO DA MODERNIDADE

GOIÂNIA: URBAN LANDSCAPE AND THE PRETENSION OF MODERNITY

M^a. Karinne Machado Silva

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFU. Docente no Instituto Federal de Goiás (IFG) Goiânia-GO. histka25@hotmail.com

Dr^a. Geisa Daise Gumiero Cleps

Professora adjunto da Graduação e Pós-Graduação em Geografia - UFU. Uberlândia-MG. gdgumiero@ufu.br

RESUMO: O presente estudo tem o objetivo de discutir a relação entre a proposta de planejamento da cidade de Goiânia, alicerçada no estilo *art déco*, e a estética da paisagem da nova cidade. A função propositiva da utilização desse estilo arquitetônico esteve conectada ao desejo dos projetistas da nova capital de dotá-la de aspectos modernizantes. Essa vontade técnica sobre o espaço evidencia a ligação entre o conceito de cidade e de paisagem. A forma visual da cidade emoldurada pela paisagem possibilita a discussão da ocupação do espaço como repleto de intenções políticas e sociais.

Palavras-chaves: Cidade-imagem-modernidade

Abstract: The present study has the objective of discussing the relationship between the planning proposal of the city of Goiânia, based on the art deco style and the aesthetics of the landscape of the new city. The purposeful function of the use of this architectural style was connected to the desire of the designers of the new capital to endow it with modernizing aspects. This technical will on space highlights the connection between the concept of city and landscape. The visual form of the city framed by the landscape makes it possible to discuss the occupation of space as full of political and social intentions.

Keywords: City-image-modernity.

Ao recuarmos na reflexão em torno do conceito paisagem percebemos que ele está intimamente ligado à pintura renascentista. Os pintores durante os séculos XIV-XVI perceberam na Natureza elementos que serviriam de inspiração para temas relacionados ao homem. Os pássaros, os jardins, as plantas e os animais dentre outros, passaram a ser percebidos como objetos estéticos. Nesse momento, passou-se a aliar aspectos naturais e a representação artística da paisagem.

Building the way

Assim "a paisagem daria lugar às figurações simbólicas, alegóricas, ou às paisagens decorativas, apenas servindo de pano de fundo ao tema cultural antropomórfico". (MAXIMIANO, 2004, p.85). Ao retratarem a paisagem os pintores renascentistas a tornaram uma espécie de cenário para as representações visuais. Nesse sentido, a pintura e, mais tarde, a fotografia apropriariam da paisagem como tema de inúmeras produções.

Além disso, ao incluir o elemento figurativo *janela* nas telas os pintores renascentistas inauguraram uma nova forma de observar a paisagem. Após os séculos XVII-XVIII o olhar da figura retratada para o espaço exterior possibilitou a criação da paisagem enquanto objeto retratado na percepção visual (MENEZES, 2002).

A mudança no universo da pintura que incorporou a janela como ponto central a partir do qual o observador observaria o mundo circundante foi fundamental para constituir um campo de considerações epistemológicas acerca da paisagem. Isso se deve ao fato de haver subjetividade inerente à apreciação da paisagem:

Com efeito, apropriação estética é fundamental na constituição da paisagem. Entenda-se o estético como se referindo não à beleza, mas ao universo mais amplo, complexo e rico da percepção [...], os sentidos são a principal ponte de comunicação entre o sujeito e o mundo externo. Por isso, as condições de "legibilidade" e "imaginabilidade" da paisagem [...] ou sua capacidade de preencher uma expectativa formal [...] constituem fatores importantes na apropriação estética. (MENEZES, 2002, p.32).

Compreende-se que a percepção visual é imprescindível para que a paisagem faça parte do universo cultural dos indivíduos. Afirmar as características da subjetividade e da inter-pessoalidade relativas à percepção do observador ou de sua fruição não exclui o reconhecimento da materialidade produzida pela paisagem. Pelo contrário, ela torna-se uma referência para a Geografia justamente porque concretiza as relações estabelecidas pelo homem com o espaço, tendo em vista as esferas econômicas, espaciais, sociais, históricas e culturais.

No que diz respeito à ciência geográfica, o conceito de paisagem está envolto no século XV às questões relativas a natureza, tendo como exemplo os pintores renascentistas. Constituíram verdadeiros cenários para as figurações simbólicas, alegóricas e temas do universo antropomórfico.

Ao buscarmos o conceito de paisagem na ciência geográfica identificamos que "*Paysage* francesa refere-se principalmente aos aspectos visuais. (...) Para os alemães,

Building the way

landschaft envolve a noção de território, semelhante ao *landscape* do inglês. Ambos também se referem ao aspecto visual” (MAXIMIANO, 2004, p. 87). Apesar da multiplicidade do que seja paisagem existe o entendimento de que paisagem é resultado da interação arrojada entre elementos físicos, biológicos e antrópicos (sociais, culturais e econômicos).

Apesar da polissemia do termo *paisagem* e das diferentes correntes teóricas que discutem o conceito, podemos dizer que nela existe uma dimensão de arte pictural que remonta ao Renascimento. Essa esfera artística ajuda na compreensão da arquitetura, presente na paisagem urbana, como representação de um imaginário ou de um ideal urbano.

O desenho da nova capital de Goiás, Goiânia, feito pelo arquiteto-urbanista Atílio Corrêa e o conceito geográfico de paisagem encontram uma relação complexa que envolve a noção de arquitetura. Nesse sentido, a transformação de uma paisagem natural, tipicamente do cerrado goiano, para uma paisagem transformada, com forte influência do urbanismo francês e norte-americano encontraram no *art déco* a expressão da modernidade.

Como exemplo de tal processo podemos citar o primeiro projeto de urbanização (1933), assinado por Atílio Corrêa. O profissional ambicionava criar uma paisagem da cidade que melhor expressasse o ideal de progresso e modernidade. Atrair novos habitantes era fundamental naquele momento e, para isso, era preciso divulgar a imagem de uma cidade-capital que anunciasse um futuro promissor. Verifica-se que o tratamento de avenidas-parques do Setor Central, os jardins geométricos espalhados pelos canteiros centrais, o **Palácio das Esmeraldas** (sede administrativa) e o estilo decorativo do *art déco* (**Figuras 1**) são fortes indícios dessa ambição.

O mencionado estilo foi um "movimento artístico que buscava a ornamentação, utilizando a combinação de formas geométricas, valendo-se do jogo de encaixes e recuos, submetidos à complexidade dos planos" (VARGAS; MELLO, 2014, p.443). Durante a construção de Goiânia foi adotado como uma possibilidade construtiva devido ao baixo orçamento do governo e por expressar formas estilísticas que representavam o autoritarismo dos anos de 1930, da Era Vargas (COELHO, 2002).

O uso das colunas que remetiam as construções gregas, das linhas horizontais e verticais, das platibandas e das formas geométricas visavam transmitir no imaginário ideais como: ordem, grandeza e monumentalidade. O Déco foi o estilo adotado nas edificações que

Building the way

abrigavam órgãos estaduais como afirmação de uma cidade que aspirava a modernidade e a grandeza como noções de identificação espaciais.

Figura 1:Exemplares de edificações em estilo *art déco*, Goiânia (GO).



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/naldomundim/8202941432>;
<https://anualdesign.com.br/centrodobrasil/projetos/24/paisagismo-e-restauracao-do-palacio-das-esmeraldas/#prettyPhoto>

A herança do *art déco* pode ser mais bem analisada na **Figura 1**: o primeiro edifício (na parte superior, lado esquerdo), atual **Museu Goiano Zoroastro Artiaga**(localizado na Praça Cívica, Setor Central), possui no calçamento desenhos geométricos característicos do Déco, as colunas na entrada frontal, o uso de linhas horizontais e verticais na fachada também evidenciam a herança desse estilo. O segundo edifício (na parte superior, lado direito) temos o **Teatro Goiânia** (localizado na Av. Tocantins, Setor Central) com suas linhas fortemente verticalizadas, platibandas e volume marcado pelo uso de linhas ressaltadas, em seqüências horizontais. Na parte inferior (lado esquerdo) temos o jardim do **Palácio das Esmeraldas** (localizado na Praça Cívica, Setor Central), nele podemos identificar

Building the way

o poste ornamentado e o desenho geométrico da parte ajardinada, elementos influenciados pelo Déco. No canto inferior (lado direito), encontra-se a fachada do **Centro Cultural Marieta Telles Machado** (localizado na Praça Cívica, Setor Central), nela podemos identificar também o uso de colunas na entrada e o uso do ferro como princípios do *art déco*.

Figura 2 - Canteiro da Avenida Goiás, Goiânia, 2010, sem autoria.



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Goiania_avenida_goiias.jpg.

A luminária na parte central da imagem (**Figura 2**) com ferro retorcido é uma referência ao estilo Déco, assim como a **Torre do Relógio** atrás da luminária. Neste canteiro podemos identificar a tentativa dos urbanistas e arquitetos, como Attílio Corrêa e, posteriormente, Armando Godoy, de tornar a paisagem do Setor Central um espaço de modernidade. Mesmo que esse conceito estivesse circunscrito as formas arquitetônicas e não encontra-se ressonância nos hábitos e modos de vida da população local.

As platibandas do Palácio das Esmeraldas (**Figura 3**) e os vitrais localizados no centro do edifício (ao lado da imagem) são elementos decorativos do *art déco* e da *art nouveau*. A edificação de três pavimentos possui mármore Carrara, assoalho de madeira de lei, vitrais alemães, lustres suntuosos e é revestida por uma massa colorida preparada com pó de pedra verde, material fosforescente e pequenos pedaços de garrafa verde.

Os vitrais, construídos em meados de 1936, localizados nos dois andares da sede do governo estadual de autoria do russo Conrado Sorgenitch, radicado em São Paulo, são importantes documentos da cultura material e arquitetônica da capital de Goiânia. O

Building the way

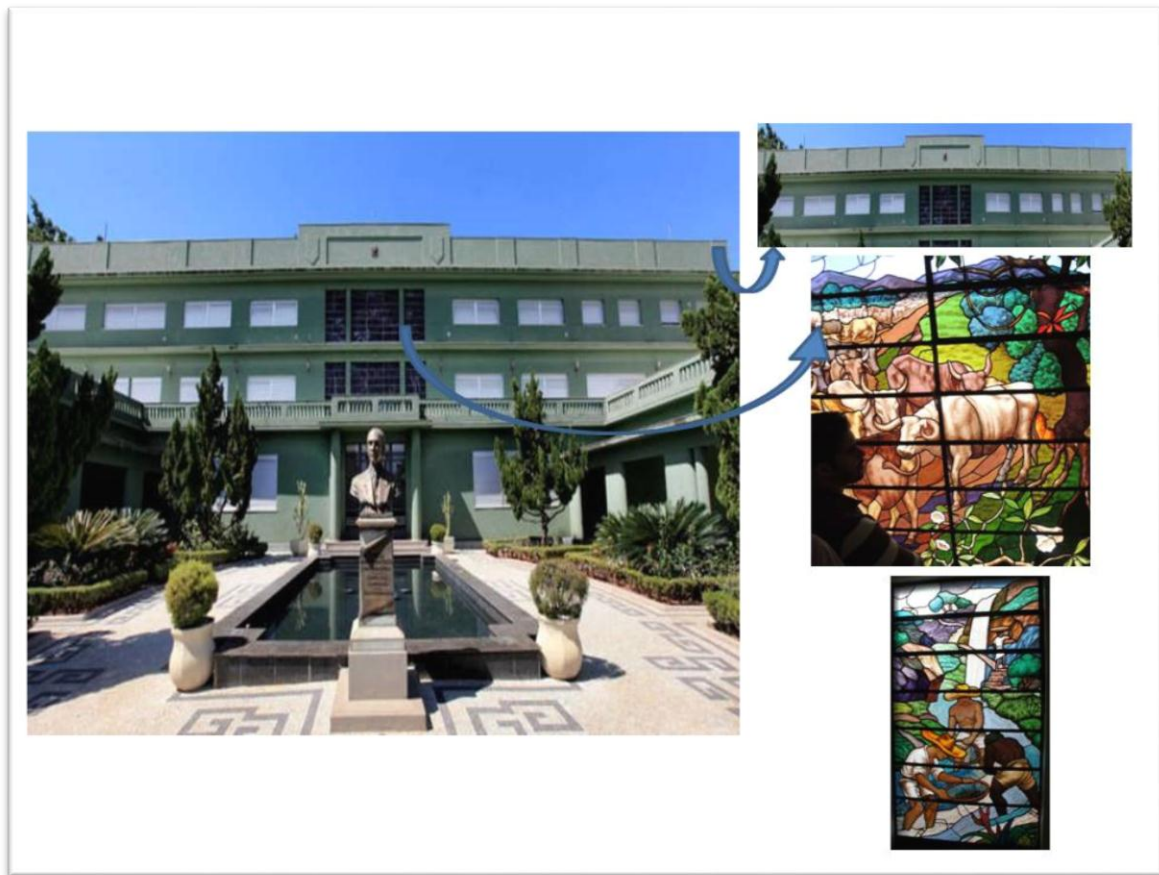
profissional responsável pelos painéis tinha grande experiência em projetos semelhantes. Segundo o jornalista Godinho (2013), Sorgenitch trabalhou nos vitrais do mercado de São Paulo, no Palácio das Indústrias, Faculdade de Direito do Largo São Francisco, na capital paulista.

Nos vidrais é possível perceber a figura do bandeirante, os índios que ocupavam a região antes do movimento das bandeiras e entradas, elementos da flora, da fauna e a criação bovina. Em destaque a narrativa visual dos mineradores com suas bateias no rio, nela é possível identificar a atividade da mineração ocorrida em Goiás no século XVIII e que teve seu apogeu em entre 1722-1772. Municípios como a Cidade de Goiás, Cavalcante e Pirenópolis são exemplos da importância da economia mineradora para o povoamento regional. A pecuária, principal atividade econômica após a mineração é também retratada nos painéis.

A criação bovina garantiu a possibilidade de recuperação econômica após a decadência dos metais preciosos no final do século XVIII. Portanto, essas atividades foram marcantes para a economia regional e representam, cada uma com sua especificidade, importantes momentos de povoamento do Centro-Oeste brasileiro.

Building the way

Figura 3 - Palácio das Esmeraldas, Centro Cívico, Goiânia, s/d, sem autoria.



Fonte: correiobrasiliense.com.br/app/noticia/turismo/2017/04/11/interna_turismo,586_345/roteiro-art-deco-no-cerrado.shtml.

Além dos elementos decorativos presentes nas edificações oficiais, como os vitrais e a ornamentação Déco, havia uma clara preocupação em elaborar um plano urbanístico atento às prerrogativas do urbanismo moderno. Goiânia representou um projeto ousado se pensarmos no contexto urbano do Centro-Oeste nas décadas de 1930 e 1940, não somente pelos profissionais renomados que participaram da construção da nova cidade. Mas por sua efetivação em refletir um discurso político nacional: a modernização do Planalto Central em consonância com o discurso varguista do Estado Novo.

No que diz respeito a essa fase da história brasileira, não podemos negligenciar o fato de que, assim como outros períodos marcadamente ditatoriais, o Estado Novo preocupou-se em se legitimar por meio de práticas não somente discursivas, propagandistas e de controle dos meios de imprensa. Houve também o compromisso estético com o aspecto monumental e arquitetônico, com inspiração de arquétipos clássicos e a influência do *Beaux Art* (estilo

Building the way

arquitetônico surgido em Paris e que associava referências da arte grega e romana juntamente com a arte renascentista).

Paisagem urbana e a *forma* da cidade

Antes de pensarmos na paisagem como um calidoscópio capaz de apreender formas do passado e do presente que contam a história das cidades. Acreditamos que seja pertinente um panorama sobre o que entendemos por cidade. A partir desse conceito operatório é possível vislumbrar a importância da paisagem urbana como foco de uma estética da cidade.

A autora Salgueiro (2001) ao fazer um balanço da contribuição epistemológica e metodológica do pesquisador Bernard Lepetit, afirma que a muralha é um dos mitos fundadores da cidade. Ocuparemos-nos aqui, mesmo que brevemente, da muralha como uma das definições do seja cidade. Isso porque ela (a muralha) reforça a característica da *função urbana* administrativa das cidades.

Embora esta desapareça seu aspecto concreto e construído, o conceito prolonga-se nas diferentes formas de limite, isto é, na persistência da preocupação em definir-se rigorosamente em relação ao resto do espaço e da sociedade, em manter sob aspectos tangíveis o princípio de hierarquização social e de organização política e econômica que é essencial à sociedade urbana (...). É, por exemplo, o limite fiscal, a definição administrativa da cidade como zona de aglomeração contínua, homogênea e solidária; é também todo o problema da parte da aglomeração que permanece cuidadosamente construída, conservada, provida de equipamentos e de infraestrutura que vão continuar a defini-la em relação aos novos subúrbios (...). (SALGUEIRO, 2001, 285 p.)

Ao longo da história ocidental permanece a referência da muralha. No Antigo Regime (século XVII-XVIII) as fortificações representavam a força e grandeza dos governos aristocráticos. Ao final desse período histórico desaparecem fisicamente as muralhas, mas a cidade permanece como símbolo do poder da nobreza e mais tarde da burguesia.

Para Salgueiro tão importante quanto definir as características de uma cidade devemos, na condição de geógrafos, nos ocupar de identificar sua *função urbana*. Acreditamos ser fundamental essa perspectiva porque ela consegue dar um salto conceitual com relação aos trabalhos acadêmicos que tem como foco apenas a estrutura física das cidades. Tornando a definição de cidade mais dinâmica e menos engessada.

Os geógrafos modificam sua abordagem. Num primeiro momento, no âmbito da definição antiga da cidade, a função administrativa confere dignidade de honra, um poder cultural, social. Num segundo momento, conserva-se a importância da

Building the way

administração, mas exprime-se isso no vocabulário novo. O equipamento administrativo fornecerá à cidade um meio de se desenvolver, um meio de aumentar sua riqueza, de se povoar. (SALGUEIRO, 2001, 294 p.).

Nesse aspecto devemos pontuar que no caso Goiânia a função administrativa foi estabelecida desde os primeiros anos de sua fundação. Sua ocupação e desenvolvimento econômico estiveram alicerçados no poder estadual. A justificativa para sua edificação ocorreu pautada na função administrativa.

Segundo Lynch, no livro *a Imagem da Cidade*, no qual o autor discute a qualidade visual das cidades norte-americanas, a *legibilidade* é uma das principais características das paisagens urbanas. Compreendida como a capacidade "de ser apreendida como um modelo correlato de símbolos identificáveis, uma cidade legível seria aquela que os marcos ou vias fossem facilmente reconhecíveis (...)". (Lynch, 1997, p. 03).

Nesse sentido, a orientação do indivíduo na *urbe* dependeria da imagem ambiental criada por ele tendo como referência a experiência no ambiente e o seu quadro de lembranças. Sociologicamente para sua sobrevivência os homens necessitam de se orientarem e interpretarem o meio físico de modo a sentirem-se seguros. Neste sentido, a legibilidade tem papel fundamental no sentimento de pertencimento dos indivíduos.

Podemos dizer que, ao mesmo tempo, a imagem da cidade é construída de modo individual e subjetivo, ela também é elaborada a partir de referenciais comuns, coletivos. Desse modo, a imagem que temos da cidade a partir de sua paisagem é compartilhada com os demais habitantes. Constituindo-se, no final, uma imagem coletiva.

Em decorrência direta da legibilidade as chamadas "imagens públicas", ou seja, aquelas encontradas na mentalidade de uma coletividade, constituem áreas consensuais que se pode esperar surjam da interação de uma única realidade física, de uma cultura comum e de uma natureza fisiológica básica". (LYNCH, 1997, p. 8). Monumentos, espaços de lazer, patrimônios, "lugares de memória", podem ser considerados, segundo nosso entendimento, como imagens públicas.

Outra característica importante para compreender a forma da cidade é a *imaginabilidade*. Significa a "alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado. É aquela forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais claramente identificadas, poderosamente estruturadas e extremamente úteis do ambiente". (Idem, p. 11). Em outro sentido, a imaginabilidade pode ser comparada a *visibilidade*.

Building the way

Entende-se que a capacidade de um objeto de ser atraente ao olhar do observador e torna-se distinto dos demais objetos por suas particularidades como parte da *imaginabilidade*. Nesse sentido, continua o autor Lynch, "Uma cidade altamente 'imaginável' [...] (evidente, legível ou visível), pareceria bem formada, distinta, digna de nota; convidaria o olho e o ouvido a uma atenção e participação maiores. O domínio sensorial de tal espaço não seria apenas simplificado (...)". (Ibidem, p. 11).

O observador familiarizado com uma cidade *legível* é capaz de absorver de modo mais aprazível e contínuo mudanças no seu ambiente visual. O sucesso da sua orientação no espaço depende da clareza que os objetos que compõe a cidade possuem. Nesse aspecto, devemos ressaltar a importância da orientação como um elemento de identidade entre o urbano e o indivíduo. A percepção do espaço é uma parte constituinte das grandes cidades.

No desenvolvimento das discussões do autor Lynch ele esclarece que

Uma cidade é uma organização mutável e polivalente, um espaço com muitas funções, erguido por muitas mãos num período de tempo relativamente rápido. [...] Existem, porém, algumas funções fundamentais, que as formas da cidade podem expressar: circulação, usos principais do espaço urbano, pontos focais chave. Esperanças, os prazeres e o senso comunitário podem concretizar-se. Acima de tudo, se o ambiente for visivelmente organizado e nitidamente identificado, o cidadão poderá impregná-lo de seus próprios significados e relações. (1997, p.102)

Frente a essa definição podemos compreender que além de sua materialidade a cidade tem uma *forma* eficiente, um design que ajuda seus habitantes a se localizarem, a significarem suas experiências e a adaptarem mais rapidamente as mudanças do ambiente.

Tal perspectiva amplia conceitualmente o que entendemos por paisagem. Haja vista que a cidade, para Kevin Lynch, deve ser apreendida a partir do seu desenho, das suas formas, da sua configuração ambiental e física. Ao considerarmos esses aspectos presentes no espaço chegamos a consideração que a paisagem pode ser entendida como a manifestação visual do *design* da cidade. Essa manifestação, construída e reconstruída segundo as mudanças econômicas, sociais e históricas é de grande importância geográfica. Pois, através de seu estudo podemos identificar como os indivíduos, os grupos dominantes, o Estado e os agentes públicos interferem no ambiente urbano.

No pensamento geográfico a Geografia Cultural apresenta algumas importantes definições sobre paisagem que contribuem para pensarmos o aspecto do visível que envolve a cultura, a vivência e as dinâmicas de cada território. Na concepção dessa matriz teórica a

Building the way

paisagem é modelada pelas forças da natureza e pelas forças humanas. Desse modo, a paisagem conseguiria manter a unidade entre o que é da natureza e o que é socialmente construído.

Nessa mesma linha de raciocínio, a superfície terrestre (paisagem) comporta:

[...] a) fenômenos espaciais, materiais e perceptíveis, com suas dimensões, forma, qualidade material, estrutura e organização interna; b) o entrelaçado de relações que existe entre eles e que somente em pequena parte é acessível à percepção imediata. Pode estar relacionado com fatos externos, mas sempre tem características espaciais ou locais; c) sucessão temporal que dá razão ao presente e se projeta sobre o futuro (BOBEK; SCHMITHÜSEN, 2004, p.76).

Esses três âmbitos existem em uma estrutura e funcionamento baseados nas leis físicas, biológicas e espirituais que são integradas. Nesse sentido, o homem tem grande potencial de atuar de modo consciente e racional na transformação do meio. Os autores Bobek e Schmithüsen (2004) consideram que o mundo biológico não-humano também possui a capacidade de modificar a paisagem, mas em grau muito menor que a ação humana.

O poder de intervenção humana é devido a sua grande autonomia que é maior do que de outros organismos. Dentro dessa relação da humanidade com as outras formas de vida pode-se considerar a paisagem "(...) [como] um sistema dinâmico com estrutura espacial. A natureza contribui com uma infraestrutura que, apesar do homem, permanece" (BOBEK; SCHMITHÜSEN, 2004, p. 83).

Segundo Sauer (2004, p. 23) paisagem pode ser definida:

[...] como área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais. (...) a paisagem tem uma identidade que é baseada na constituição reconhecível, limites e relações genéricas com outras paisagens, que constituem um sistema geral. Sua estrutura e função são determinadas por formas integrantes e dependentes.

A partir dos recursos naturais que o homem encontra à sua disposição e de suas referências culturais ele transforma o meio físico. Entre a paisagem natural, ou seja, aquela que independente da presença humana, e a paisagem cultural existe o fator do tempo. A maneira como os homens modificam os elementos naturais e a relação orgânica entre eles configuraria a paisagem.

Nessa perspectiva, sintetiza Carl Sauer (2004) a "cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural, o resultado". A paisagem, pensada dentro dessa relação dinâmica é desenvolvida com a passagem do tempo a partir da cultura. Com o aparecimento de novas

Building the way

culturas, antigas paisagens mesclam-se às novas ou são substituídas, coexistindo, desse modo, diferentes camadas culturais e temporais em uma mesma paisagem.

Em uma abordagem de caráter mais morfológico a autora Paula da Cruz Landim apresenta a cidade nas suas estruturas morfológica e volumétrica, ou seja, com suas edificações, espaços livres, arruamentos e parcelamento do solo. Para a autora a cidade apresenta-se aos sentidos a partir de sua paisagem. Nesse sentido, afirma:

A paisagem urbana representa a cidade, e assim torna-se possível conhecer a cidade por meio de sua paisagem, pois, enquanto a cidade se configura como linguagem, a paisagem urbana apresenta-se estabelecendo relações entre o modo de representar, no caso, a paisagem urbana, e o objeto a ser representado, no caso, a cidade. Considera-se então a paisagem urbana a porção ou a face da estrutura urbana que se revela aos nossos sentidos. Ou seja, a estrutura urbana somente pode ser dada a conhecer por meio da sua paisagem, pois somente esse elemento pode ser percebido pelas nossas sensações espaciais. (LANDIM, 2004, p.36).

Apesar de estar presente na constituição da paisagem os elementos de ordem material, concreta (ruas, avenidas, praças, solo, edifícios e etc.), há também os elementos de dimensão abstrata e subjetiva. A maneira como os indivíduos interagem e se integram na paisagem da cidade revela o modo como elas são imaginadas. Nos usos que os indivíduos fazem do espaço estão implícitos a imagem, a criação mental e social da cidade (Idem, p.29).

A materialidade e a incorporalidade da paisagem urbana, dentro da perspectiva da Geografia Cultural, está relacionada a atribuição de valores dos habitantes da cidade sobre o espaço. Dentro dessa corrente de pensamento, a paisagem seria o resultado, por assim dizer, da interação dialética entre o homem e o meio ambiente. As transformações advindas na paisagem (a arquitetura, por exemplo) seria um dos resultados desse processo interacional.

A interação do fator antrópico com a natureza é dinâmica, transforma-se dependendo do contexto histórico e geográfico. Nesse sentido, os modos de produção, a história, a cultura, o nível tecnológico, técnico, as divisões de classe são refletidas na construção da paisagem. As mudanças nessas esferas sociais, espelhadas nas formas da cidade, nos leva a pensar que "as cidades constroem-se, mudam e diversificam-se por dois vetores: o espacial, que corresponde ao território, e o temporal, que corresponde à história" (Ibidem, p.31).

Corroborando com esse debate, a autora Maria Ângela F. P. Leite, em seu livro *Destruição ou Desconstrução?*, suscita:

Building the way

A paisagem é resultado do equilíbrio entre múltiplas forças e processos temporais e espaciais. Em certa medida, a paisagem é um reflexo da visão social do sistema produtivo e suas formas transformam-se ou desaparecem sempre que as teorias, filosofias e necessidades que as criaram não são mais reais [...]. Aos muitos lugares e elementos que compõem uma paisagem são atribuídos valores específicos que mudam constantemente acompanhando a evolução dos padrões culturais. Estes estão, por sua vez, fortemente enraizados nos processos naturais de cada lugar ou região, isto é, a natureza e cultura juntas, como processos interagentes, conferem forma e individualidade aos lugares. (LEITE, 1994, p.7)

Pode-se dizer que as autoras Landim (2004) e Leite (1994) concordam que o conceito de paisagem precisa ser pensado dentro das noções de tempo e espaço. As particularidades do contexto histórico e social de uma época imprime escolhas específicas relativas a arquitetura, ao urbanismo, as políticas públicas, ao parcelamento do solo, a distribuição das classes sociais e aos usos dos espaços nas cidades.

Do mesmo modo, que os atributos fisiológicos e ambientais igualmente influenciam nas transformações da paisagem. A Natureza enquanto um dado concreto que existe *a priori*, anterior a presença humana, vai sendo modificada em razão da história do homem. Entretanto, coexiste dois movimentos nesse sentido: no primeiro, o homem se adapta ao ambiente a partir das condições que ele encontra; no segundo, ele próprio transforma e adapta o meio físico segundo suas necessidades.

Nos dois casos, ou de transformação da Natureza pelo homem ou de adaptação das condições físicas, existe uma inter-relação homem/meio ambiente. O universo de possibilidades que surgem dessa interação (estilos de moradia, espaços de lazer, transportes, vias de comunicação e etc.) fazem com que a cidade passe constantemente por modificações para melhor atender as necessidades dos indivíduos.

Há, portanto, dentro de uma mesma cidade vários tempos diferentes. As edificações nos seus diferentes e difusos estilos arquitetônicos é um exemplo contundente da sobreposição das temporalidades do passado/presente nas cidades. Prédios construídos em um passado distante convivem lado a lado com construções contemporâneas. Materiais da construção civil, cores utilizadas nas paredes dos edifícios e ornamentos extintos dividem espaço com as novas tendências do mercado imobiliário. Essa realidade urbana, que ao mesmo tempo é refletida pelas paisagens urbanas, não é incomum nas cidades brasileiras, por exemplo.

As camadas do tempo presentes na *urbe* indicam quais foram as demandas apresentadas pelas sociedades em seus estágios históricos. Além disso, são indícios dos

Building the way

avanços técnicos, tecnológicos e dos usos do espaço pelos indivíduos que habitam e habitaram a cidade.

Tendo como reflexão essas considerações, percebemos que o *art déco* marcou uma camada do tempo fundamental para história da cidade de Goiânia: sua fundação e sua feição de modernidade. Mesmo que a aguardada modernidade fosse fruto de formas concretas da arquitetura e não do modo de vida de seus habitantes.

REFERÊNCIAS

COELHO, Gustavo Neiva. A art déco e a política modernizadora na fundação de Goiânia. In: BOTELHO, Tarcísio R. (Org.). **Goiânia: Cidade pensada**. Goiânia. Ed. UFG, 2002.

GODINHO, Iúri R. A Construção - Cimento, Ciúme e Caos nos Primeiros Anos de Goiânia. **Goiânia: Contanto Comunicação**, 2013.

LANDIM, Paula da Cruz. Desenho de paisagem urbana. As cidades do interior paulista. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

LEITE, Maria Ângela F. P. **Destrução ou Desconstrução?** Questões da paisagem e tendências de regionalização. São Paulo: Hucitec, 1994.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.

MAXIMIANO, L. A. Considerações sobre o conceito de paisagem. **Revista RAEGA**, Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004. Disponível em:
<<http://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3391/2719>>.

MENEZES, Ulpiano T. B. de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (Org.). **Paisagem e Turismo**. São Paulo: Contexto, 2002.

VARGAS, Lucas Gabriel Corrêa; MELLO, Márcia Metran de. **A utilização de ornamentos do movimento art déco, em fachadas na cidade de Anápolis-GO**. Disponível em:
<http://www.anais.ueg.br/index.php/siarq/article/view/4657>